

## A História da Gestalt-Terapia na UERJ: um olhar que lhe atribui forma...

Teresinha Mello da Silveira\*  
Eleonôra Torres Prestrelo\*\*

*O mundo não tem sentido sem o nosso olhar que lhe atribui forma, sem o nosso pensamento que lhe confere alguma ordem. É uma idéia assustadora: vivemos segundo o nosso ponto de vista, com ele sobrevivemos ou naufragamos. Explodimos ou congelamos conforme nossa abertura ou exclusão em relação ao mundo.*

(Lya Luft,2003:21)

### **Início da História...**

Revedo a história da Gestalt-Terapia no Instituto de Psicologia (IP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), experimento uma viagem no tempo, viagem essa que conduz a algumas reflexões. Viajar no tempo, neste contexto, implica em ver com o olhar de hoje para um momento que já não é. Parece um pouco como remexer numa gaveta onde estão guardadas diversas lembranças. Ao travar contato com elas verifico que algumas já não são tão importantes, ou tomaram significados diferentes e outras estão muito presentes. Inevitavelmente, para além do pensar sobre como tudo aconteceu, eclodem sentimentos e sensações decorrentes do fato de ser participante desta história. Contudo, falar sobre o tema exige certa isenção. Parece-me, de início, que essa história é mais difícil de ser contada por quem está de alguma maneira envolvida nela.

Minha posição enquanto psicóloga, ora aposentada, que de alguma forma participou do movimento para a inserção da Gestalt-Terapia no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) do Instituto de Psicologia da UERJ, me coloca num lugar ao mesmo tempo dentro e fora deste processo. Não me é possível estar totalmente isenta. No entanto, como diz Juliano(1992:7) “...contar histórias é equivalente a contar-se também. A percepção pessoal organiza e seleciona os eventos, conferindo a eles significados e coerência”. Concordando com Juliano, busco neste texto uma forma pessoal de apresentar fatos da história que possibilitam vislumbrar o modo como a Gestalt-terapia despontou na UERJ.

É curioso olhar para trás e ver o tempo corrido. Quantas mudanças! Os professores, os alunos, os funcionários, as salas. Muitos códigos foram rompidos desde então. O que não era possível em dado momento, o que era possível que não é mais... Inevitavelmente ponho-me a pensar sobre o que e como funcionava, naquela época, o estágio na área clínica, sobre quais

eram os valores, sobre a metodologia usada, sobre o perfil dos alunos que escolhiam estagiar em Gestalt e muito mais. O que se mantém? O que mudou? Mais relevante torna-se esse retorno ao início para compreender o que se faz hoje. Cabe, desta maneira, uma brevíssima explanação sobre as origens da Gestalt, seu surgimento no Brasil e no Rio de Janeiro para chegar ao ingresso dela na universidade e como ele veio se desenvolvendo.

A pré-história da Gestalt se fez na Europa a partir das críticas de seu criador à Psicanálise. Na verdade, a princípio ele não pretendia criar uma outra corrente, e sim dar uma contribuição à Psicanálise da época, com base no modelo holístico proposto por Kurt Goldstein. Como não foi aceito pela comunidade psicanalítica e, segundo ele, rechaçado por Freud, rompe definitivamente com esta linha e, posteriormente, cria a Gestalt-Terapia.

O seu principal expoente e um dos criadores é Frederich Salomon Perls, judeu alemão que imigrou em 1946 para a América. Já instalado nos Estados Unidos publica o livro *Gestalt Therapy: Excitement and Growth in the Human Personality* (PERLS, HEFERLINE e GOODMAN, 1951), que é considerado o marco inicial da abordagem. Neste início contou com a contribuição de Laura Perls (sua esposa), Paul Goodman, Isadore From, Paul Weisz, Elliot Shapiro e Sylvester Eastman., chamado de “grupo dos sete”.

A transmissão da Gestalt nesta época era através de trabalhos terapêuticos feitos em grandes grupos, com pessoas interessadas em se trabalhar, discutindo-se depois o que tinha acontecido. Graças ao carisma e ao estilo de trabalho de Perls que encantava a muitos, a corrente cresceu e ganhou espaço tendo seu apogeu nos anos 60 do século XX.

O movimento gestáltico teve início no Brasil em 1972, introduzido em São Paulo por Thérèse Tellegen que, cronologicamente, foi a primeira pessoa, no Brasil, a ter contato com essa abordagem. A partir de então alguns psicólogos paulistas se comprometeram a estudar, viver, praticar e transmitir a corrente recém descoberta. Muitos autores estrangeiros foram convidados nesta época para trazerem suas experiências. Muitos profissionais brasileiros também viajaram pelo mundo para ampliar seus conhecimentos na área, tal era a ânsia de “beber da fonte”.

De um primeiro grupo surgiram outros que se comprometeram com a transmissão da abordagem. Estes grupos se multiplicaram e enquanto Walter Ferreira da Rosa Ribeiro, um dos iniciadores, leva o novo conhecimento para Brasília, o movimento de propagação floresce e tem seus primeiros adeptos em outros estados.

No Rio de Janeiro, foi a partir da segunda metade da década de 70, que a Gestalt se faz presente destacando-se como pioneiro o psiquiatra Décio Casarin, falecido no ano passado, que abriu as portas do seu consultório de psicoterapia para as pessoas que quisessem conhecer mais sobre esta linha de trabalho clínico. A convite dele, alguns representantes da

Gestalt americana vieram ao nosso país trazendo novidades. Muitos brasileiros se beneficiaram da presença desses representantes, dentre eles, eu. A esse respeito, no Rio de Janeiro a Gestalt tem duas grandes influências: a primeira é chilena representada por Adriana Schnacke (Nana) e Francisco Huneus (Pancho), com quem Décio fez formação de 1975 a 1978 (CASARIN, 2005). A segunda é de Maureen Miller, do *staff* de Carl Rogers, com quem tive a honra de fazer a minha formação e que, também a convite do Décio, promoveu grupos de estudo de 1978 até 1982 em nossa cidade. Creio que a Gestalt-terapia transmitida aos cariocas deve a sua preocupação com os principais conceitos da linha a esses três personagens: a conscientização (*awareness*), tão importante na prática terapêutica, aos chilenos e a sua preocupação com o contato a Maureen que tinha, por sua vez, uma grande influência da abordagem centrada no cliente criada por Carl Rogers.

Vale lembrar que o momento sócio histórico era favorecedor da entrada de novas linhas terapêuticas no país. De fato o clima da época era de uma maior abertura política e de redemocratização, já que estávamos saindo da ditadura militar. As idéias dominantes nos discursos filosóficos envolviam a heterogeneidade, a pluralidade, a flexibilidade por um lado e a instabilidade e a incerteza por outro. (VAITSMAN, 1994).

Verifica-se, deste modo, que o movimento gestáltico no Rio desponta nos moldes propalados por Coimbra (1995:58) quando explica que: “Foi a partir da segunda metade dos anos 70 que começaram a surgir no Brasil algumas práticas ‘alternativas’ à psicanálise: as psicodramáticas, as gestaltistas e as ‘neo-reichianas’, que vieram do bojo de uma série de críticas à sociedade de consumo e à psicanálise então praticadas”.

Como sugere os padrões da contemporaneidade, a regra é a multiplicidade e o que se tem constatado a partir de então é a coexistência das mais variadas formas de psicoterapia.

Contudo, o mundo multifacetado, a rapidez com que as mudanças acontecem sem tempo devido para cada sujeito se explorar nessas mudanças pode torná-lo fragmentado, cindido entre o sentir, o pensar e o agir. A busca de uma psicoterapia surge como um caminho viável para se cuidar dessas questões. Longe de querer questionar todo este processo, aponto para o campo fértil para a entrada no Brasil de novas abordagens.

Além disso, começa-se a se considerar que num mundo de mudanças rápidas, considerar apenas aspectos intrapsíquicos – ênfase da psicanálise da época – seria se fazer uma análise precária. O indivíduo, o casal, a família, não podem ser observados isolados da sociedade. A organização social exerce pressão considerável sobre eles e imprime suas marcas de diferentes maneiras. Da mesma forma o indivíduo age no social, moldando-o ou modificando-o. As diferentes vertentes psicoterapêuticas seguem apontando saídas para questões do homem atual. Entre elas destaco a Gestalt-terapia trazendo em seu escopo uma

proposta libertária, com uma concepção de homem em relação com o mundo, livre, responsável, capaz de recriar a si e ao ambiente, enfatizando a auto-expressão.

Confesso que a mim, particularmente, a abordagem causou tamanho fascínio que me comprometi a divulgá-la. Sobre a divulgação dessa abordagem, é importante dizer que surgiram os primeiros cursos no Rio por volta de 1980.

Neste período alguns gestaltistas que trabalhavam em universidades começaram a falar da Gestalt-terapia em suas aulas. Na UERJ, muitos alunos que iam fazer o estágio básico, disciplina obrigatória do curso de psicologia, ficavam encantados quando ela era apresentada como uma das práticas clínicas possíveis.

No início da década de 80 a Gestalt-terapia já era bastante conhecida e se consolidava através de grupos vivenciais organizados em todo o país. Surgiram os primeiros livros de autores brasileiros. Enquanto isso, no SPA da UERJ, seguindo as demandas da época, os alunos reivindicavam o conhecimento de outras linhas de trabalho clínico, pois até então a única abordagem clínica para trabalhos individuais era a psicanálise. Assim é que com a empolgação que envolve os jovens, corre uma lista solicitando estágio na área clínica em Gestalt. Atendendo aos apelos dos alunos, o Instituto de Psicologia, a pedido da coordenação do SPA abre espaço para atendimento supervisionado em Gestalt-Terapia, como pioneira entre todas as universidades brasileiras no ano de 1984. O que aconteceu a partir de então foi indescritível. Era maravilhoso ver o empenho dos primeiros estagiários e pode ser assim descrito:

O 1º grupo, supervisionado por Teresinha Mello Silveira, foi muito marcado pela euforia e pelo entusiasmo, tão comprometido estava com a difusão da nova corrente. Mas também havia muita seriedade, uma vontade de conhecer mais e de ser bom profissional. ( SILVEIRA, 1999:66)

Os grupos eram primordialmente vivenciais e a teoria discutida a partir do que tinha sido experienciado pelos seus membros. Como não havia ainda a matéria Gestalt-Terapia em sala de aula, todo o conhecimento e as técnicas eram transmitidos por mim investida no papel de supervisora. Isto demandava um tempo maior do que o estabelecido para o estágio, fato que, ao contrário do que se esperava, mais empolgava os alunos.

Vale ressaltar que havia uma grande preocupação da minha parte e dos alunos em conquistar e garantir um espaço para a abordagem de tal forma que fosse academicamente respeitada, ao mesmo tempo em que pudesse fazer face às questões trazidas pela clientela do SPA. Talvez

por isso, a qualidade e os posteriores resultados identificados na devolução dos inúmeros pacientes foram bastante profícuos.

“Através de uma prática explicada, os conceitos propagados pelos criadores da Gestalt-Terapia eram assimilados no grupo de estágio e, depois, aplicados no atendimento. Todo atendimento, vale colocar, passava por supervisão de grupo.” (SILVEIRA, 1999,66-67)

A culminância do que costumo chamar desta 1ª etapa da abordagem gestáltica na UERJ se deu com a realização do 1º Encontro de Gestalt-Terapeutas no Rio de Janeiro, marco inicial dos congressos nacionais, idealizado e coordenado por mim e pela psicóloga Sandra Salomão que aceitou o convite para junto comigo organizar o evento. A beleza desta organização estava, entre outras, no fato de, embora muitos colegas tivessem sido convidados, contar efetivamente com a colaboração dos ex-estagiários do SPA e sem os quais o evento não teria acontecido. É tocante lembrar que:

Para minha surpresa e enternecimento, aqueles que se mostraram mais disponíveis para colaborar foram os membros da minha primeira turma de formação e o grupo de ex-estagiários em Gestalt-Terapia, recém-formados pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que compuseram então a equipe de organização do encontro (SILVEIRA,1996:12)

O trabalho árduo e envolvente teve o prêmio merecido, contando com a presença de profissionais de muitos estados que, num clima amistoso, trocavam suas experiências e se comprometiam a encontrar de dois em dois anos.

Juliano(1982:20) narra este encontro da seguinte maneira:

Ainda tenho guardada a cena da abertura, quando se abriram as portas do salão. Imaginávamos a reunião de um pequeno grupo e, ao nos depararmos com a quantidade de pessoas presentes, fomos tomados por susto e alegria. Alguns ainda com sua bagagem do lado, chegando sem aviso prévio; pessoas das mais diversas regiões do país; foi entusiástico.

“Destá maneira o grupo inicial de Gestalt-Terapia da UERJ contribuiu de forma decisiva para a difusão da corrente em todo o Brasil” (SILVEIRA,1999:67)

Os frutos do 1º Encontro têm seus reflexos no estágio, mais particularmente no que se refere à metodologia. Verificou-se a importância de um aprofundamento nas bases filosóficas e teóricas. Aumentou assim o tempo para grupos de estudo.

Nesta 2ª fase, a ênfase recai sobre a teoria da abordagem e estudava-se muito a relação terapêutica, a compreensão diagnóstica, fundamentada numa concepção de homem, as bases teóricas (Teoria Organísmica de Kurt Goldstein, Teoria de Campo de Kurt Lewin) e filosóficas (Humanismo, Existencialismo e Fenomenologia). (SILVEIRA, 1999:67)

Nos primórdios dos anos 90 a demanda dos alunos para fazer estágio na abordagem era muito grande. Para atender a essa demanda o SPA cedeu algumas horas da supervisora Sheila Orgler, que já trabalhava com estágio básico e Psicologia Escolar, para formar um outro grupo de estagiários na concepção gestáltica. Esta é mais uma conquista. Neste mesmo ano a Gestalt começa a ser ministrada como disciplina eletiva. Posteriormente esta disciplina se tornou obrigatória e até os dias de hoje é ministrada pela Professora Eleonôra Prestrelo, o que ocasionou mais uma vez uma mudança na metodologia do estágio, na medida que desde então ocorre um intercâmbio do professor com os supervisores. Assim, os supervisores não são mais responsáveis pela parte teórica e dedicam-se mais à supervisão dos atendimentos, às dinâmicas vivenciais e dramatizações e aos grupos de estudo que emergem a partir de dúvidas no referido atendimento.

De 1990 a 2000 o movimento gestáltico cresce no IP, não só no âmbito da clínica com atendimentos individuais, de grupo, de casais e famílias, como no âmbito institucional em creches, na Universidade Aberta da Terceira Idade (UNATI) e no Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE).

Observa-se, deste modo, que a Gestalt-Terapia que começou no SPA do IP da UERJ como uma abordagem “alternativa” ocupa um lugar de reconhecimento como outras linhas terapêuticas. Ademais é justo dizer que o esforço feito para ter um lugar na academia favoreceu a entrada de diversas correntes da clínica como a abordagem cognitivo-comportamental e a fenomenológica existencial.

### **Continuando a História...**

No ano de 1996 me submeto a uma seleção interna para “Professor Substituto” da disciplina Gestalt-Terapia I, até então ministrada por um professor de outra abordagem, já que não havia na Unidade, outro professor nessa área temática.

O trabalho de Teresinha Mello da Silveira e Sheila Orgler, gestalt-terapeutas do Instituto, estava restrito ao SPA, já que, segundo resolução da UERJ, psicólogos (situação funcional de ambas) não poderiam dar aula, cabendo esta tarefa somente àqueles contratados como professores. Durante os próximos anos ministrei essa e outras disciplinas a ela relacionadas: Teorias e Sistemas Psicológicos I (cujo conteúdo consiste em Psicologia da Gestalt e Fenomenologia); Teoria da Percepção (na Faculdade de Educação); Teorias e Técnicas Psicoterápicas; Oficina de Trabalho em Grupos (Eletiva); Gestalt-terapia II (Eletiva), etc. Dois anos depois, final de 1998, fiz o Concurso para Professor Assistente na área de Gestalt-terapia, aberto pelo Instituto de Psicologia/UERJ, no qual fui aprovada e continuei meu percurso de professora da abordagem nesta Instituição.

Vale ressaltar aqui, a importância histórica deste concurso, pois foi a UERJ, a primeira universidade do Rio de Janeiro e do Brasil, a fazer um concurso para essa área – reflexo do trabalho pioneiro das gestalt-terapeutas que me precederam – e primeira Graduação em Psicologia a ter a disciplina de Gestalt-terapia como disciplina obrigatória no currículo! Sempre houve e continua a acontecer, até os dias de hoje, nas faculdades, uma predominância da disciplina como eletiva e/ou como área de estágio supervisionado.

Ao ingressar na Universidade, me deparei com a predominância do pensamento psicanalítico no curso de Psicologia. Encontrei, de pronto, algumas dificuldades na introdução da Abordagem Gestáltica, pois os colegas que a ministravam anteriormente não tratavam de sua prática, sendo um deles, inclusive, psicanalista. Contudo, havia muita curiosidade por parte dos alunos, em conhecer a abordagem, já que se constituía, junto com a Terapia Cognitivo-Comportamental e a Terapia Existencial-Humanista, uma alternativa terapêutica para aqueles que não se identificavam com a Psicanálise. A

dificuldade também aparecia na perspectiva inovadora da Gestalt-terapia, que, por princípio, se coloca como uma proposta de mudança de visão de mundo.

Compreender a proposta trazida pela abordagem gestáltica implica em apreender uma outra perspectiva de relação que, por seu caráter constitutivo, já indica grande dificuldade:

(...) acreditamos que a perspectiva gestáltica é a abordagem original, não deturpada e natural da vida; isto é, do pensar, agir e sentir do homem. O indivíduo comum, tendo sido criado numa atmosfera cheia de rupturas, perdeu sua Inteira, sua Integridade. Para integrar-se de novo ele tem de sobrepujar o dualismo de sua pessoa, de seu pensamento e de sua linguagem.(PERLS, HEFFERLINE E GOODMAN, 1997:32)

Neste momento, no Instituto de Psicologia, tínhamos três gestalt-terapeutas, duas psicólogas: Teresinha Mello da Silveira e Sheila Orgler, que por limites institucionais, não davam aula, mas se dedicavam ao estágio supervisionado no SPA, à Residência Clínico-Institucional como preceptoras e atuavam em outros cursos/atividades da UERJ, como dito anteriormente, e eu, Eleonôra Torres Prestrelo, que me responsabilizava por fornecer, na Graduação em Psicologia, o embasamento teórico necessário, para uma prática bem sustentada, quando os alunos iniciassem o estágio.

Éramos/somos poucas. Muitos dos alunos ficavam/ficam frustrados com o número limitado de vagas de estágio, especialmente agora, após a aposentadoria de Teresinha Mello da Silveira, que significou mais uma restrição na oferta de estágio na abordagem. Atualmente oferecem estágio no SPA, eu e a psicóloga Cristiane Esche, gestalt-terapeuta que foi remanejada do Hospital Pedro Ernesto para o Instituto de Psicologia, a fim de suprir a ausência de Sheila Orgler, falecida recentemente.

Observa-se, assim, que a possibilidade de oferta de estágio continua a mesma, apesar da imensa demanda dos alunos nessa área de atuação, o que pode ser comprovado através das 350 inscrições – a maioria de alunos - no “I Simpósio do Laboratório Gestáltico: perspectiva fenomenológico-existencial em clínica, pesquisa e atenção psicossocial: Abordagem Gestáltica: história, percurso e atualidades”, projeto de extensão do IP/UERJ, realizado no dia 26 de junho de 2009 nesta instituição.

Essa configuração institucional se delinea, a meu ver, como reflexo da História da Psicologia Clínica. De uma origem psicanalítica, a clínica veio se reconfigurando através dos tempos, tomando corpo e forma distintas, fundamentada em novas visões de mundo, que se desdobram em diferentes entendimentos da dinâmica psicológica, da relação terapêutica e, conseqüentemente, de uma reconfiguração das concepções de saúde/doença e suas respectivas classificações nosológicas.

“A primeira forma de psicopatologia da psicologia clínica, a psicopatologia oriunda da psicanálise, mesmo diante das mais recentes revisões teóricas, trazem impregnadas a falta de contradição, a definição pragmática e determinista do que “deve” ser um sujeito “normal”. Naquela abordagem, toda compreensão da história de vida de um sujeito e os aspectos relevantes do contexto são meramente parciais, tratando-se mais de ilustrar a “anormalidade” do que de apropriar-se dela como fenômeno genuinamente social decorrente da complexidade das relações humanas.” (ZURBA,1999:3)

Essas mudanças, portanto, como não poderia deixar de ser, se expressam na Academia, lugar legítimo de atualização das diversas formas de produção do conhecimento.

Como nos mostra Holanda em seu artigo intitulado “Gestalt-terapia e abordagem gestáltica no Brasil: análise de Mestrados e Doutorados (1982-2008)”,

“(…) da produção nacional em Gestalt: são 51 trabalhos no total, com 40 mestrados e 11 doutorados. No levantamento anterior, computávamos 35 produções no total, com 31 mestrados e apenas 4 doutorados. Em apenas cinco anos, observamos um salto quantitativo de 45,7% no total de produções, e outro importante avanço, de 175% no que se refere aos doutorados, ou seja, a qualificação acadêmica cresceu em números absolutos e também em diversificação. (2009: 2)

Cientes de nosso lugar na História da Gestalt-terapia na UERJ e no Rio de Janeiro, finalizamos esse registro, esperando que a Instituição cumpra o seu papel e acolha a demanda da comunidade discente, já que a necessidade de mudança, acreditamos, é inerente à condição humana, afinal de contas,

“(…) *Somos participantes.*

Nisso reside nossa possível tragédia: o desperdício de uma vida com seus talentos truncados se não conseguirmos ver ou não tivermos audácia para mudar para melhor – em qualquer momento, e em qualquer idade.

(…)

Constituir um ser humano, um nós, é trabalho que não dá férias nem concede descanso: haverá paredes frágeis, cálculos malfeitos, rachaduras. Quem sabe um pedaço que vai desabar. Mas se abrirão também janelas para a paisagem e varandas para o sol. “ (Lya Luft, 2003:22)

★ Psicóloga aposentada do IP/UERJ.

★\* Professora Assistente responsável pela disciplina e estágio em Gestalt-Terapia do IP/UERJ.

## Referências Bibliográficas

CASARIN, D. **Revista IGT na Rede**, vídeo disponível em [http://www.igt.psc.br/Gestalt-Terapeutas/Decio\\_Casarin.htm189.25.90.67/Revistas/R2](http://www.igt.psc.br/Gestalt-Terapeutas/Decio_Casarin.htm189.25.90.67/Revistas/R2) [www.igt.psc.br](http://www.igt.psc.br). Volume 2, n. 2, 2005.

COIMBRA, a abordagem C.C.B. Desenvolvimento Sociocultural e Político (anos 60-80) e Meios Psicoterápicos. In **Gestalt-Terapia, Psicodrama e Terapias Neo-Reichianas no Brasil 25 Anos Depois**. São Paulo, Agora, 1995.

HOLANDA, A. F. Gestalt-terapia e abordagem gestáltica no Brasil: análise de Mestrados e Doutorados (1982-2008), estudos e Pesquisa, UERJ, Rio de Janeiro, v. 9, n.1, primeiro semestre de 2009.

- JULIANO, J.C. Gestalt-Terapia: Revisando as Nossas Histórias. Revista de Gestalt 2, Departamento de Gestalt-Terapia do Instituto Sedes Sapientae, 1992, 7-23.
- LUFT, L. Perdas e Ganhos. Rio de Janeiro, Record, 2003.
- PERLS, F.S., HEFFERLINE, P. e GOODMAN, P. Gestal terapia. São Paulo: Summus, 1997.
- SILVEIRA, T.M. A Moderna Gestalt-Terapia do Rio de Janeiro. **Presença-Revista Vita de Gestalt-Terapia**, Rio de Janeiro, Arte e Criação, 1996, 7-17.
- SILVEIRA, T.M. et AL in MANCEBO, D. (org) **Práticas “Psi” em Debate**. Rio de Janeiro, UERJ/DEPEXT/NAPE, 1999, 63-69.
- ZURBA, M. do C. A Psicopatologia em Gestalt-Terapia e alguns desdobramentos. Mimeo: VII Encontro Nacional de Gestalt-Terapia e IV Congresso Nacional de Abordagem Gestáltica, 08-12/10/1999. Goiânia. GO.